

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2026-01-23

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Pinto, P. T. (2024). O balaústre barroco, a coluna de Mies, a cobertura de Wright e a gravura de Dom Miguel I. In Eduardo Fernandes. João Cabeleira (Ed.), Fernando Távora em Guimarães. (pp. 88-91). Guimarães: Lab2PT.

Further information on publisher's website:

<https://lab2pt.net/publications/2024-fernando-tavora-em-guimaraes>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Pinto, P. T. (2024). O balaústre barroco, a coluna de Mies, a cobertura de Wright e a gravura de Dom Miguel I. In Eduardo Fernandes. João Cabeleira (Ed.), Fernando Távora em Guimarães. (pp. 88-91). Guimarães: Lab2PT.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

A Casa da Quinta da Várzea de Fernando Távora – O balaústre barroco, a coluna de Mies, a cobertura de Wright e a gravura de Dom Miguel I.

Paulo Tormenta Pinto

‘A gravura do Senhor D. Miguel I que está na sala de visitas [da casa da Covilhã] foi também dada pelo atual dono da Amoreira, onde ela estava, à minha tia Maria José. Naturalmente pertencera ao meu Bisavô José Pinto que nela podia ver o retrato do Seu Senhor, pelo qual se batera até morrer’.¹ (Mendes, 2020, p.209)

Numa fotografia, tirada em julho de 1995, aquando de uma visita à obra da casa da quinta da Várzea², Fernando Távora surge com os seus colaboradores, no alpendre de entrada, debaixo da extensa cobertura que se prolonga para além da empena do volume edificado. O guarda-corpos, construído no mesmo aparelho de granito que caracteriza a casa, culmina num balaústre barroco, separado da nova construção por meio de uma incisiva alheta. Este fragmento, pertencente à antiga construção que ali existia, transporta a memória das antigas escadarias de acesso aos solares que, desde cedo, povoaram o imaginário de Távora.

No centro da imagem, uma coluna metálica ‘homenageia’ Mies Van Der Rohe, colaborando na estabilidade da consola da cobertura que, tal como na Robie House de Frank Lloyd Wright, acentua a sombra e a domesticidade dos espaços de transição entre o interior e o exterior.

A composição da imagem apresenta-se como uma espécie de *collage*, revelando a idealização daquele lugar, onde a antiga quinta agrícola inspirara o sistema construtivo e a expressão da nova casa adaptada à vida contemporânea. Sobre a matriz existente, Távora procurou uma possível continuidade, explorando a base vernacular da Arquitetura Portuguesa em diálogo com a erudição arquitetónica, transportada para o local, através da revisitação dos mestres do Movimento Moderno.

A casa

Fernando Távora começou o projeto da casa da quinta da Várzea, em Moreira de Cónegos, em 1991, como resposta a um ambicioso programa de ‘obra total’, envolvendo o desenho integral do sítio, da arquitetura, dos interiores e do mobiliário. A construção terá iniciado em 1994, consta, porém, que, por questões do foro pessoal relacionadas com o encomendador, o Engenheiro Domingos Manuel da Costa Almeida e com o seu filho, o longo processo de construção desta residência de família não tivesse chegado ao fim. A casa da Cavada, projetada entre 1989 e 1990, terá sido decisiva na escolha de Távora para a elaboração deste projeto. Porém, à dissemelhança da reabilitação da ruína existente no sopé da Citânia de Briteiros, a casa da quinta da Várzea acabou por sobrepor-se à antiga construção que existia no local.

Atualmente, apenas a casa se encontra construída, as áreas exteriores envolventes permanecem por executar. Se por um lado, o volume habitacional se encontra fechado e sem uso, sugerindo o sentido melancólico do abandono, por outro apresenta-se dominante na paisagem, através da sua volumetria retangular com dois pisos, rematada por uma pronunciada cobertura em telha, pousada sobre os muros aparelhados de granito. A composição contrasta a clareza da sua morfologia, com a heterogeneidade da envolvente,

¹ MENDES, Manuel (ed.) (2020). *Fernando Távora. As Raízes e os Frutos. Palavra Desenho obra 1937-2001 – Tomo 1.1 “O meu Caso” Arquitetura, o imperativo ético do ser (1937-1947)*. Porto: FIMS, FAUP, U. Porto PRESS. pág. 209;

² Arquivo de Pedro Pacheco;

como que absorvendo as contradições dessa mesma realidade, caracterizada por áreas de cultivo, moradias, unidades industriais de pequena dimensão e infraestruturas rodoviárias.

A casa é implantada no cruzamento de dois eixos estruturantes, resultantes da leitura do lugar. Um deles, implícito no terreno, corresponde ao caminho de acesso pré-existente no sentido poente/nascente que estabelece as ligações às principais estruturas da quinta, como os cobertos, o sequeiro, a eira e duas casas datadas do século XVIII. O outro, recriado por Távora, corresponde a um novo traçado no sentido sul/norte, enunciador do padrão e da geometria da intervenção.

Távora pensara este novo alinhamento estruturante do projeto como uma espécie de alameda, desenhada na continuidade da quinta, culminando num lago, que pontuaria o limite norte da propriedade. Ao longo desse traçado, delineou uma operação topográfica definidora de três plataformas escalonadas na pendente do terreno. A plataforma superior corresponde ao terreiro que funciona como espaço de representação e de receção. No nível intermédio encontra-se a base de implantação da casa que dialoga com a área de jardim, pensada para o plano topográfico inferior.

A nova entrada na propriedade foi disposta na frente sul, em articulação com o novo traçado regulador pensado por Távora. Aí se abre uma bolsa para entrada de automóveis. Este momento de transição relaciona-se com um percurso curvado, rasgado no arvoredado da ala poente. As árvores vão revelando e ocultando a presença da casa, num longo movimento contínuo e cenográfico de acesso às cotas mais altas do terreno. Um muro de perpianhos graníticos, intersecta esta aproximação, abrindo uma passagem que marca o momento de entrada no terreiro que qualifica a plataforma superior, traçada no topo sul do terreno. Este local configura-se como momento-chave do projeto, revelador da matriz topográfica de implantação das várias instalações que compreendem a casa.

A relevância deste espaço de receção foi reforçada numa fase mais avançada do projeto (1994) com a integração de uma capela. A sua presença anuncia a axialidade da intervenção, através de uma composição de volumes clássicos. O espaço litúrgico é dramatizado pela sua integração no interior da terra, evocando a mitologia da gruta, associada à crença católica. A cobertura em telha, cobre o adro da capela, prolongando o espaço da assembleia. No interior, a luz filtrada de norte, escorre através de um lanternim, sobre o presbitério. O volume da capela, espelha a silhueta da casa que, neste enquadramento se apresenta mais baixa e adocada ao terreno. O controle volumétrico e de escala é trabalhado com delicadeza e detalhe, ajustando-se assim, numa tangibilidade possível de abarcar na vivência quotidiana.

O piso térreo da casa é implantado na plataforma intermédia, sendo a mediação com o terreiro conseguida através de um átrio rebaixado, em trincheira, para onde converge um jogo de escadas simétricas, que ladeiam uma fonte. O ingresso principal da habitação é desenhado no centro do volume. No interior, um espaço de distribuição, culmina numa área marcada pela presença dos vãos de acesso às salas de estar e de jantar, ladeados por colunas circulares, que não chegam a tocar no teto. As salas, abrem-se para um amplo espaço exterior que prolonga o socalco de implantação da casa. Uma pérgula seria construída no limite desta área, protegendo a observação para o jardim, pensado no plano sobranceiro à base da habitação. Do lado nascente, um volume semienterrado, alberga a cozinha e os serviços. A suite principal abre-se para o terraço deste corpo de serviços que se destaca do volume principal da casa, delimitando a sul o terreiro superior de acesso ao edifício.

A partir do terreiro é também possível aceder ao nível superior da habitação através do alpendre coberto localizado junto à empena poente do edifício. No interior, um hall distributivo estabelece as ligações ao nível inferior da casa, abrindo-se para um longo

corredor, marcado pela alternância da luz que penetra, ora pelas janelas, ora pelas trapeiras dispostas na cobertura. Este percurso linear estabelece o acesso aos cinco quartos e à suite principal, desenhada na extremidade oposta. Este átrio de entrada relaciona-se ainda com um escritório, posicionado num ponto dominante sobre o território.

A intenção de Távora, passava por manter a maior parte da arborização existente, completando-a com o plantio de novas espécies de modo a cobrir toda a superfície do terreno, criando um cenário bucólico. Determinadas clareiras em torno das edificações e na zona frontal da habitação seriam mantidas sem árvores, mediando o cruzamento dos percursos que seriam traçados no local. Tal como ocorre na quinta da Conceição de Leça da Palmeira, também na quinta da Várzea, as ruínas, os fragmentos, os jardins e as novas construções, surgiriam na sequência de um enredo deambulatório promovido por Távora.

Entre a proposta inicial de 1991 e o desenvolvimento do projeto de execução de 1994, o tratamento da quinta foi-se estabilizando no desenho, ganhando novas valências como o *court* de ténis do lado poente. A área abaixo da plataforma do jardim, desenhada na pendente do terreno também se aprimorou, ajustando-se à geometria dos percursos e ao tratamento da envolvente edificada. Se a execução do projeto tivesse sido concluída, todas estas intenções reforçariam, não só, a integração paisagística da casa no local, mas também todo o universo conceptual ensaiado por Fernando Távora.

Encantamentos

O projeto da quinta da Várzea, sugere relações com duas casas fundamentais que Fernando Távora frequentou ao longo da vida, a casa da quinta da Covilhã, em Guimarães e a casa de Recardães, na Anadia. A primeira, proveniente da sua família pelo lado materno, refletia o saber ancestral do granito, enquanto a segunda, em contraponto, proveniente da família do lado paterno, expressava o saber do barro e a sobriedade que também caracterizava a sua tia Maria José, proprietária desta casa situada na quinta da Póvoa.³

A casa da Covilhã, cuja construção remonta ao final do século XVII, é a peça fundamental do núcleo de instalações agrícolas onde se insere. A sua morfologia compreende a pureza de um volume, implantado nas plataformas do terreno da quinta. O telhado, trabalhado pelo próprio Fernando Távora na década de 1970, aquando da remodelação da casa, promove espaços alpendrados. A nascente, articula o momento de entrada na casa e na capela que lhe é adjacente, enquanto a poente prolonga para o exterior o espaço da sala, criando um lugar abrigado. Por outro lado, a casa de Recardães é uma construção oitocentista, implantada num terreno agrícola plano. O volume da casa, também de expressão clássica, compreende dois níveis, a este, adoça-se a capela, do lado poente. Ao centro da construção, uma escadaria alinha-se com o desenvolvimento da propriedade para norte, monumentalizando o conjunto. A simplicidade destes solares, resultantes do saber empírico dos mestres construtores, representa uma resposta pragmática às necessidades de cada tempo e de cada cultura.

Na quinta da Várzea, o desafio de Távora era construir uma casa de raiz, sem a carga do tempo que caracterizava as construções habitacionais centenárias que frequentara no seu círculo familiar. O laboratório da memória, transforma-se num encantamento narrativo, tal como referia em 1993 “se não há fruto sem raiz nem casa sem alicerces, difícil será explicar a vida de um homem ignorando a sua original condição familiar”⁴. Neste sentido, a dimensão pragmática, presente na morfologia e na estrutura organizativa da casa, cruza-se com o desejo de reinterpretação arquetípica da casa nobre, enquanto suporte de reinvenção daquele lugar.

³ MENDES, Manuel (ed.) (2020). *Fernando Távora. As Raízes e os Frutos. Palavra Desenho obra 1937-2001 – Tomo 1.1 “O meu Caso” Arquitetura, o imperativo ético do ser (1937-1947)*. Porto: FIMS, FAUP, U. Porto PRESS. pág. 155;

⁴ Idem Op. pág. 155;

No ensaio “L’architetto scellerato: G.B. Piranesi, l’eterotopia e il viaggio”⁵, Manfredo Tafuri, reflete a partir de Piranesi e de Canaletto sobre a debilidade da condição pós-moderna. Entre as ruínas da série Carceri e as visões ficcionadas de Veneza, é possível definir um sentido culturalista que espelha a realidade num plano paralelo. Os heterónimos pessoanos, que desde cedo interessaram a Távora, congregam na sua génese processos de construção semelhantes àqueles que Tafuri resgata para o campo arquitetónico através da manipulação dos lugares (tópos), das formas e dos achados, remontados no novo contexto. Na quinta da Várzea, as ruínas das antigas instalações agrícolas, mantidas e tralhadas no projeto de Távora, definem um cenário geográfico onde a nova casa viria a diluir-se, acomodando fragmentos arquitetónicos, como o pilar de Mies, a cobertura de Wright, ou o balaústre da casa que ali existira.

O estaleiro que prevalece na quinta da Várzea, revela as entranhas de um processo metodológico em construção. Os caminhos, os novos muros, as áreas de jardim e de bosque, permanecem por executar, deixando a operação de Távora como uma ferida aberta, aguardando o trabalho de simbiose entre a matéria orgânica e matéria construída, como forma de dar sequência a uma projeção sentimental (*emführung*) empática para com a terra, as suas heranças e metamorfoses. Ainda assim, esta circunstância, não compromete o compromisso de Távora para com a portugalidade, colocando essa mesma condição em diálogo com as referências basilares da cultura disciplinar da arquitetura. A narrativa funde-se com as formas, estruturando a fecundidade encantatória do discurso ‘távorian’.

É neste sentido que a gravura de Dom Miguel I, exposta na sala de visitas da casa da quinta da Covilhã, representa muito mais que um anacronismo ou tomada de posição de Fernando Távora sobre a legitimidade absolutista nas lutas liberais. A imagem do monarca derrotado na Guerra Civil de 1832-34, simboliza ‘o imperativo ético do [seu] ser’, enquanto colecionador de histórias, memórias, personagens e modernidades. Tudo isto trazido para cima do seu estirador como húmus para a sua produção arquitetónica. Nesta diversidade fragmentária, usada como ferramenta operativa de trabalho, é possível construir, no fio-da-navalha, um itinerário crítico que alimenta a singularidade da Arquitetura Portuguesa, enunciada por Távora. A casa da quinta da Várzea, faz parte deste universo.

Agradecimentos a Pedro Pacheco e Fernando Barroso.

Referências:

‘Conversa com Pedro Pacheco’ em FERREIRA, Teresa Cunha, ORDÓÑEZ, David Castañón, FANTINI Eleonora (eds.) (2023). *Novo / Antigo – Fernando Távora Conversas*. Porto: Edições Afrontamento, FIMS.

ESPOSITO Antonio, LEONI, Giovanni (ed.) (2005). *Fernando Távora: Opera Completa*. Milão: Electa;

MENDES, Manuel (ed.) (2020). *Fernando Távora. As Raízes e os Frutos. Palavra Desenho obra 1937-2001 – Tomo 1.1 “O meu Caso” Arquitectura, o imperativo ético do ser (1937-1947)*. Porto: FIMS, FAUP, U. Porto PRESS.

TRIGUEIROS Luíz (ed.) (1993). *Fernando Távora*. Lisboa: Blau

TAFURI, Manfredo (1980). ‘L’architetto scellerato: G.B. Piranesi, l’eterotopia e il viaggio’. em: *La sfera e il labirinto*. Torino: Einaudi

⁵ Cf. TAFURI, Manfredo (1980). ‘L’architetto scellerato: G.B. Piranesi, l’eterotopia e il viaggio’. em: *La sfera e il labirinto*. Torino: Einaudi